POST-SCRIPTUM

Depositâmos hoje nas mãos do publico um livro de mais algum folego do que os até agora por nós publicados. *A Hostia de oiro* pretende continuar na litteratura contemporanea as boas tradições do poema heroi-comico tão felizmente auspiciadas em Portugal pelo *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, e tão indevidamente interrompidas até hoje pelos timoneiros das boas letras nacionaes.

Porque não havemos de agora ir chamar poemas heroi-comicos ao *Reino da estupidez,* aos *Burros* de José Agostinho e quejandas escurrilidades; bem como se tornam indignas do nome tão sublimado por Diniz, Boileau,

Pope e Tassoni, a maioria das chocarrices que por ahi circulam com o nome de parodias burlescas.

O poema heroi-comico, desenvolvendo-se nos limites da decencia, não representa um quadro repugnante. A sua gargalhada não é a do nescio que mal sabe de que zomba, nem a do sceptico descontente, a quem tudo aborrece; mas a do apostolo cujos labios emitem relampagos, cuja voz troveja, cuja gargalhada fulmina. É uma tempestade moral que transcorrendo a atmosphera a purifica.

Não sabemos se na *Hostia de oiro* realisámos o ideal do genero comico, concebemol-o d'aquelle modo.

Quando intentámos fazer este livro alguem nos aconselhou que tal não fizessemos, advertindo-nos de que o genero era improprio da seriedade do seculo e da philosophia que ora começa de influenciar nas artes e mormente na poesia; e accrescentava que taes poemas pela sua levesa de assumpto e pelo brincado, a bem dizer, phosphorecente de sua forma, não poderiam resistir á critica moderna, tendo por isso de perecer breve. Não seguimos o

conselho, porque ainda hoje, como então, é opinião nossa profundamente arreigada que o poema heroi-comico a não se extraviar do seu fim social e litterario, ou artistico, ha-de prestar tanto como os de mais generos de poesia.

Ao espirito humano é tão necessaria a gargalhada, como a lagrima; muitos vicios devastam as sociedades, que antes requerem o remedio energico da satyra ou a vehemencia do ridiculo, do que o paliativo contemporisador da commiseração.

Pois não é verdade que a gargalhada ha-de existir sempre em quanto viverem homens? Pois não é verdade que de tempos a tempos estrondam esses terramotos que teem o poder de destruir uma fórma social incompativel com o desenvolvimento do espirito humano?

Ainda cremos que teve muitissima rasão o nosso bom amigo D. Emilio Castelar quando escreveu a respeito dos homens destinados pela providencia para fulminarem uma instituição obnoxia:

«Genios d'esta ordem são raros, e só ap-

parecem quando teem o destino de destruir uma sociedade para que dê passagem a outra mais progressiva. As gargalhadas d'estes homens são como o ruido da tempestade, que vem purificar a atmosphera moral. Suas graças são como o raio, que ora fulmina a azinheira abrigo das aves do ceo, ora a cupula das egrejas. O certo é que sempre que tem sido necessario destruir uma fórma social tem surgido um d'esses homens; Aristophanes ao finalisar a Grecia; Luciano ao finalisar Roma; Boccacio ao finalisar a primeira metade, a metade theocratica dos seculos medios; Cervantes ao finalisarem-me os tempos cavalheirescos; Voltaire ao finalisar a sociedade de nossos paes.»

Gargalhadas assim concebem-se e são necessarias e mais valem do que as prelecções de um philosopho. Em quanto o poema heroi-comico fôr uma de suas multiplices manifestações, asseguramos-lhe longos annos de vida.

Por amor das idéas que temos a respeito da influencia social da litteratura de hoje, nos saíu o nosso poema muito mais sisudo do que

mandam as leis do genero. Se por isso desmerecer, paciencia. Não podemos acabar comnosco que nos deixassemos zombetear continuamente; primo, porque esta especie de poema não é uma frivolidade, antes uma reprehensão severa e como que um grito formidavel contra os vicios que intenta combater; secundo, porque circumstancias tristes accumuladas em nossa vida, na conjuncção de se escrever este livro, nos encheram a alma do lucto da viuvez, e, sabem-no todos, não é com as lagrimas nos olhos que se escrevem as galanterias de Diniz.

Descendo agora ás idéas do nosso livro, declarâmos que foi nosso intento combater principalmente o vicio da avareza personalisado em Paulino Segisberto, que se nos affigurou nas sociedades modernas um typo obnoxio, condemnado pela economia que permittindo a usura reprova o monopolio, e pela caridade christã, que manda repartir pelos necessitados as sobras dos nossos haveres.

Bem sabemos nós que os Eucliões de todos os tempos estão convenientemente objurgados entre outros pelo maior poeta pscyco-

logo do mundo, Shakespiare, no magnifico typo do Shylock, e pelo primeiro poeta comico de França, Moliere, no bem caracterisado Harpagão, mas será isso motivo para deixarmos bracejar a hydra que de dia para dia vae tomando proporções aterradoras? Uma verdade nunca perdeu por muito repetida, quanto mais que nos não soccorremos a ninguem para o desenho de nossa idéa.

Até na fórma desejámos fugir do *Hyssope* de Diniz, por nos parecer por vezes escurril ou pelo menos plebea, não falando da idéa capital e contextura aqui e além bebida no *Lutrin* de Boileau, victima de todos os defeitos do classicismo, se bem que o Sr. Lima Leitão se desbarrete diante da *Estante do côro* (que traduziu), julgando esta obra o *non plus ultra* no genero joco-serio e muito superior á *Secchia Rapita* de Tassoni e não sei se ao poema de Pope *The raped lock*.

Não sendo, porém, de nossa competencia confrontar a *Hostia de oiro* com esses primores de gloriosa fama, ante quem a nossa modestia e humildade nos fazem desmaiar, declaramos que muito de proposito não locali-